



A COPA DO MUNDO DE 1938: FUTEBOL, POLÍTICA E IDENTIDADE NACIONAL BRASILEIRA

¹ Kelen Katia Prates Silva

RESUMO

Neste artigo aborda-se a Copa do Mundo de 1938 como o momento de materialização da relação entre identidade nacional e futebol. Durante o governo Getúlio Vargas as discussões sobre o nacionalismo, brasilidade e identidade nacional ganham força com as iniciativas do governo em formar o Brasil-nação. A construção da identidade nacional conta com a contribuição dos intelectuais e da imprensa, além do Estado, que se esforça na criação do Brasil autêntico, singular, longe dos padrões europeus. O futebol passa, então, a ser visto como símbolo do nacionalismo brasileiro, elemento que reafirma a brasilidade. O período analisado corresponde a 1930-1938, com ênfase na Copa do Mundo de 1938, realizada na França.

Palavras-chave: Identidade Nacional, Futebol, Copa de 1938.

1938 WORLD CUP: SOCCER, POLITICS AND BRAZILIAN NATIONAL IDENTITY

ABSTRACT

In this article, we discuss the 1938's World Cup addressing the relationship between national identity and soccer games. We identified discussions, during President Getúlio Vargas' government, about nationalism, brazilianess and national identity providing strength with government initiatives to form Brazil as a nation. The construction of national identity had contributions by intellectuals and the press, in addition to the State efforts to create an authentic and singular Brazil, far from European standards. Generally, soccer game started to be seen as a symbol of Brazilian nationalism, element of reaffirming the brazilianess reaffirmation. The study covered the period from 1930 to 1938, with emphasis on the 1938's World Cup, performed in France.

Keywords: National Identity, Soccer, 1938's World Cup.

COPA DEL MUNDO DE 1938: FÚTBOL, POLÍTICA Y LA IDENTIDAD NACIONAL BRASILEÑO

RESUMEN

En este artículo la Copa Mundial de 1938 es dirigida como el momento de la materialización de la relación entre la identidad nacional y el fútbol. Durante las discusiones del gobierno de Getúlio Vargas en el nacionalismo, la brasilidad y las identidades nacionales se fortalecen con las iniciativas gubernamentales orientadas para formar la nación. La construcción de la identidad nacional tiene la contribución de los intelectuales y la prensa, además del Estado se esfuerza por crear la auténtica Brasil, singular, lejos de los estándares europeos. El fútbol va a ser vista como un símbolo del nacionalismo brasileño, reafirmando el elemento brasilidad. El período de información corresponde a 1930-1938, con énfasis en la Copa Mundial de 1938, celebrada en Francia.

Palabras clave: Identidad Nacional; Fútbol; Copa del Mundo 1938.

¹ Graduação em História pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, (Brasil). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Esporte, Cultura e Sociedade (GEPECS-UFMT). E-mail: kelenkatia@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O jornal O Globo foi inaugurado em 29 de julho de 1925. Nesse dia foram lançadas duas edições do jornal, num total de 33.435 exemplares. O nome “O Globo” foi escolhido através de um concurso promovido por seu fundador Irineu Marinho, sendo a segunda opção mais votada. O título mais votado foi “O Correio da Noite”, porém essa patente já tinha dono.

O então fundador do jornal ficou na direção por pouco tempo. Em 21 de agosto de 1925 Irineu Marinho morre, assumindo o controle o jornalista Eurycles de Matos, amigo de confiança de Irineu. Em 1931 Roberto Marinho assume o cargo de diretor redator-chefe, ficando no comando até a sua morte, em 6 de agosto de 2003. Devido à grande circulação desse jornal, usaremos este como fonte de pesquisa para pensar a relação política-futebol-identidade nacional na Copa de 1938.

Durante a Era Vargas foram realizadas duas Copas, sendo as de 1934 e 1938. A Copa que ocorreu em 1934 foi capaz de movimentar as pessoas numa identidade coletiva a favor da nação, entretanto, aconteceu num clima de rivalidade entre a CBD – Confederação Brasileira de Desporto, que não se rendeu ao profissionalismo do futebol, continuando a prática amadorista, e a FBF – Federação Brasileira de Futebol, que se tornou profissional.

Consideramos também as configurações políticas desse momento. A Copa do Mundo de 1934 não gerou tanto entusiasmo na população, as atenções estavam voltadas para o fim do governo provisório e a eleição de Vargas por via indireta. Isso não significa que o Estado e a população não tenham se ocupado do evento. Na imprensa as páginas dos jornais eram preenchidas pelas questões políticas, a constituição e o novo período. A Copa chamou atenção apenas nos meses que a antecederam.

Em 1938 notaremos a expressiva mobilização que a Copa causou no âmbito político, nas massas e na imprensa.

A Copa de 1938 é antecedida pelo golpe de Estado de 1937 e a implantação do Estado Novo, e pela Copa Sul-Americana disputada na Argentina, na qual o Brasil foi vice-campeão, demonstrando o sucesso do futebol brasileiro. As vitórias sobre equipes de outros países passaram a servir de justificativa para associações diretas dessas conquistas ao que de mais íntimo teria o brasileiro – como se na esfera do futebol não existisse para o brasileiro concorrente à altura (Antunes, 2004).

É inegável que o futebol havia se tornado um elemento da cultura popular e expressão da brasilidade, e na Copa de 1938 notamos o primeiro grande momento de euforia dos brasileiros torcedores. Nesse momento o futebol faz parte da “essência” do brasileiro, demonstrando que o esforço do governo em associar o futebol à brasilidade havia obtido êxito, transformando o futebol em elemento de identificação nacional. O esporte mobilizou as massas antes do governo de Vargas, mas é a partir de 1930 que o Estado se utiliza do futebol para atingir as massas (Franzini, 1997). Partindo das observações sobre o uso político do futebol, sobretudo durante a Era Vargas, temos como objetivo neste artigo abordar a construção da identidade nacional brasileira por meio do futebol e analisar a Copa de 1938, bem como o processo de massificação desse esporte no Brasil.

Um importante fato nesse evento esportivo de 1938 foi a escalação de jogadores paulistas e cariocas, superando assim a rivalidade política e esportiva entre Rio e São Paulo, que chegaram a um acordo proporcionando a participação de jogadores de

ambos estados na equipe. Os negros também puderam atuar no time, refletindo assim a mudança de mentalidade no futebol como reação às discussões de miscigenação no Brasil. Por muito tempo os negros não foram aceitos e por vezes malvistas quando estavam em campo.

A valorização da raça brasileira teve seus reflexos no futebol e em 1938 esperava-se que a seleção representasse os brasileiros, sendo a síntese da diversidade da nacionalidade, valorizando a mistura do povo brasileiro. Assim, o futebol brasileiro se tornou superior. Segundo Freyre (1933), graças à mistura podíamos sintetizar o que havia de melhor em brancos, negros e indígenas, formando assim um “estilo brasileiro” de se jogar o futebol.

O Team Brasileiro – A Identidade Nacional em Campo

A construção da identidade nacional no Brasil envolve as contribuições políticas, o movimento dos intelectuais e da imprensa, buscando estabelecer uma unidade nacional. Os anos 1930 foram sem dúvida o momento de explosão do nacionalismo, tanto na política quanto no próprio futebol. No cenário político esse movimento foi impulsionado pelo governo de Getúlio Vargas e no futebol os símbolos nacionalistas se fortalecem após a profissionalização desse esporte, em 1933, tendo seu ápice na Copa de 1938. Os movimentos de construção da nação partiram do Rio de Janeiro e abrangeram todo o Brasil.

Identidade nacional se refere, segundo Giacon (2011), a uma forma discursiva e está associada ao resultado do pensamento intelectual e político:

A identidade nacional, antes de estar associada a uma atitude, a uma preferência, a um momento histórico, a uma raça ou até mesmo à confluência de alguns fatores que faz com que um grupo de pessoas adote um mesmo território, onde possam viver e desenvolver-se, é uma forma discursiva produzida em determinado contexto histórico. Se considerarmos que a identidade é um

discurso, sua definição passa, então, a estar associada ao fruto do pensamento intelectual e político de cada época da história dessa comunidade. (Giacon, 2011, p. 1)

É importante evidenciar que, conforme o conceito descrito por Giacon (2011), a identidade nacional é sempre um produto discursivo dos grupos dominantes, para especificarmos a elite intelectual e política. Podemos concluir que ela sofre constantes processos de construção e reconstrução durante a história. Há momentos específicos nos quais esse tema ganha maior importância política e/ou maior inquietação intelectual. Ianni (1992) elege três períodos históricos em que esse termo ganha destaque na elite de intelectuais brasileiros, sendo eles: a independência; a abolição e Proclamação da República; e a Revolução de 30.

Ianni (1992) aponta dois períodos, além da Independência, em que o “[...] Brasil foi pensado de modo particularmente abrangente”: na Abolição e Proclamação da República, e na Revolução de 30. Segundo ele, na passagem do império para a República, o debate sobre “questões sociais” como a forma de governo mais adequada para o País (monarquia ou república) e o abolicionismo estava colocado pelo menos duas décadas antes dos acontecimentos propriamente ditos. Neste período circulavam também entre os intelectuais as ideias positivistas e evolucionistas. Neste caldeirão de efervescência política e cultural – e a partir dele – é que atuam personagens como Joaquim Nabuco, Clóvis Beviláqua, Rui Barbosa, Machado de Assis, Sílvio Romero, Nina Rodrigues, Tobias Barreto e outros. Especialmente no final do século, a República e a Abolição da escravatura colocaram desafios ao reordenamento político e social [...]. Mais do que nunca a literatura torna-se instrumento de ação política, o meio de difundir os ideais laicos, progressistas e liberais, função social que exerce abertamente, rompendo com o que restava de Romantismo subjetivista, lírico e idealizado, que deveria ser substituído pela retórica da ciência, ou pela dos salões literários e políticos. (Ianni, 1992, citado por Madeira & Veloso, 1999, p. 77)

Mais uma vez o movimento concomitante entre renovação política e cultural, com finalidade última de criar a nação brasileira, está presente na elite intelectual. Esse ideal não deixará de existir no início do século XX, marcado, novamente, pela discussão da questão

nacional. No Brasil, o Estado foi um dos grandes responsáveis pela formulação da identidade nacional, tendo como aliados os grandes intelectuais que desenvolveram propostas nacionalistas que unissem o povo. O movimento intelectual defendeu os interesses da elite governamental, seu discurso destacou a singularidade brasileira, sendo esta responsável por constituir a nação. O movimento modernista da década de 1920 permitiu que o nacionalismo gerasse novas imagens do Brasil. Isso se deu pela substituição da noção de raça por cultura e a valorização da miscigenação do povo brasileiro.

O Estado teve seu papel como ativo nesse processo de construção da identidade recorrendo a aspectos da cultura popular, como, por exemplo, o rádio, o futebol e o carnaval, para criar o sentimento de unidade nacional. O processo de construção da identidade nacional passa pela criação de símbolos nacionais, ou seja, algo que comprove/fortaleça a existência de um Estado. Uma nação deve apresentar um conjunto de elementos simbólicos e materiais: uma história, que estabelece uma continuidade com os ancestrais mais antigos; uma série de heróis, modelos das virtudes nacionais; uma língua; monumentos culturais; um folclore; lugares importantes e uma paisagem típica; representações oficiais, como hino, bandeira, escudo; identificações pitorescas, como costumes, especialidades culinárias, animais e árvores-símbolo (Thiesse, 1999).

Durante a Era Vargas foram criados diferentes instrumentos de educação coletiva com intuito de promover o ensino de bons hábitos. O indivíduo no novo Estado Nacional passa a ser “educado” pelo rádio, cinema, esporte, música popular. A cultura popular é usada para singularizar o Brasil. Um aspecto relevante no projeto cultural estado-novista é a reconceituação e a exaltação do sentido positivo do popular.

Nessa reconceituação do popular há um elemento novo: a positividade. De modo geral, o nosso pensamento

político vinha localizando no povo as raízes da problemática nacional e do nosso descompasso. Assim, as origens raciais, o caráter inato, eram ideais recorrentes, através dos quais as elites procuravam justificar a defasagem do Brasil em relação aos centros hegemônicos europeus. Essa visão ideológica começaria a ser reformulada no fim da década de 1910, mais precisamente em 1918. A tese da saúde pública, apontando a doença e o analfabetismo como fatores responsáveis pelo atraso, viria então isentar a figura do jeca-tatu dos males do Brasil. (Velloso, 2013, p. 173)

Nessa conjuntura histórica, o que se pretendia era a descoberta de um Brasil autêntico, longe do padrão europeu que predominava no período imperial, buscava-se a brasilidade, rompendo com o passado de dependência política e cultural. No governo de Getúlio Vargas cria-se um movimento capaz de colocar o Brasil nos trilhos, conforme acreditavam os indivíduos que compartilhavam dos ideais de Vargas.

As Regras – O Profissionalismo, a Política e as Classes Sociais

O futebol até 1933 oficialmente era amador, porém, apresentava características semiprofissionais. Em meados dos anos 20, com a crescente popularização do futebol, surgem algumas discussões envolvendo o esporte. A maior delas era profissionalizar ou não o futebol. Havia clubes contrários à profissionalização, mas na atual conjuntura tudo caminhava para o profissionalismo do futebol no Brasil, mesmo com os clubes contrários relutando para adiar esse processo. Enquanto os clubes lucravam cada vez mais com a popularização do futebol, os jogadores permaneciam na condição de explorados, subempregados, em troca de salários insignificantes ou de empregos sem nenhuma garantia.

Em 1923, o Clube Regatas Vasco da Gama decide pela primeira vez na história do futebol colocar negros em seu time. Nesse ano o clube se torna campeão carioca tendo no banco

jogadores negros, mulatos e quatro analfabetos. Com essa escalação venceu os adversários: Flamengo, Fluminense, Botafogo, América, times que mantinham o amadorismo e lutavam pelo elitismo no futebol. Relata Ianni (2008, p. 2):

Devido a essa ousadia do Vasco da Gama, o clube não só conquistava o seu primeiro campeonato na primeira divisão, mas criava também a maior crise no futebol carioca pelo fato de em seu elenco conter jogadores negros e analfabetos. Isso era uma humilhação para os times grã-finos, nos quais esses times eram formados por jovens estudantes e profissionais de alto nível da elite carioca.

A partir de então, modificou-se o panorama do futebol brasileiro e com ele a própria imagem do jogador. O público já não via mais o jovem estudante universitário, grã-fino, praticando o esporte até então exclusivo dos ricos. Qualquer profissional, desde que comprovasse seu talento com a bola nos pés, teria chances de vestir a camisa de um Flamengo, Fluminense, Botafogo, América, Bangu, Vasco.

É nesse momento que os grandes clubes foram buscar na periferia e nos times pequenos bons jogadores. Dessa forma, jogar futebol deixava de ser um esporte nobre para a elite; passara a ser uma atividade grosseira. O prestígio que a elite dava ao futebol foi sumindo rapidamente. Em pouco tempo, o futebolista perdeu a imagem do homem fino, de elite, e passou a ser visto como um marginal da sociedade. A essa altura, o futebol estava bem perto da profissionalização. Embora isso já ocorresse, mas de forma não declarada (Caldas, 1989 citado por Ianni, 2008).

O futebol, apesar de sua característica semiprofissional, era oficialmente um esporte para amadores. Conforme explica Caldas (1994, p. 44): “Era um semiprofissionalismo de mão única. Somente os clubes ganhavam dinheiro com as arrecadações”. Assim, após um longo processo envolvendo clubes e jogadores, em 23 de janeiro de 1933 o futebol profissional é implantado no Brasil.

O processo que resultou na profissionalização do futebol no Brasil foi rodeado por questões de classe social, interesses financeiros, afirmação de identidades, racismos e preconceitos de toda a ordem. Dirigentes conservadores e o racismo das elites fazem com que o futebol continue sendo amador.

Há relatos datados de 1915 que jogadores de São Paulo e do Rio de Janeiro recebiam algum dinheiro para entrar em campo, como forma de incentivo às vitórias. Era uma gratificação, independente do resultado, isso servia de estímulo ao jogador. Isso fazia com que o jogador se empenhasse mais, jogasse melhor, com mais entusiasmo, mais vontade de vencer, o que poderia proporcionar a ele futuras convocações e conseqüentemente mais gratificações. Óbvio que isso não caracteriza o profissionalismo, mas cria condições para o surgimento. (Afif & Brunoro, 1997, p. 67)

A partir de então o futebol passa a dar lugar a uma unidade simbólica que ganhará força nos anos 1930, com a política de construção da nação brasileira e da valorização dos símbolos nacionais, proposta por Getúlio Vargas. Os 15 anos do governo Vargas propiciaram e presenciaram várias mudanças na vida política, econômica e social, bem como as transformações culturais no País. Durante a Era Vargas o futebol se torna elemento importante na definição de identidade nacional.

Devemos evidenciar que esse processo de elevação das práticas culturais a símbolos nacionais aconteceu ao longo do governo de Getúlio Vargas. O futebol, por exemplo, sofreria intervenção direta do governo apenas em 1941. O futebol havia se tornado a maior paixão entre as camadas populares, e antes de sua regulamentação, em abril de 1941, ele sofre várias interferências do Estado. O maior interesse de Getúlio no esporte era a influência que o futebol tinha sobre as massas, a popularidade do esporte se apresentava como um novo meio para propagar a ideologia oficial. Segundo Drumond (2009, p. 234):

O esporte atuaria então como mais um elo de contato entre o governo e as massas. Atuando junto ao sentimento nacional, ele projetaria uma imagem de sucesso internacional da “raça” pátria. O sucesso da Copa de 1938 fez o governo enxergar os fracassos de 1932, 1934 e 1936 e perceber o potencial simbólico a ser aproveitado.

Getúlio Vargas fez uso do futebol com ferramenta de propagação de ideais políticos entre as massas. Podemos notar que a imprensa foi um importante veículo de propaganda e controle das massas utilizado por Vargas, e serviu também para popularizar a ideia do Brasil como o “país do futebol”. Na formação da identidade nacional e do nacionalismo durante o governo getulista o futebol é apresentado nos jornais como uma unidade em harmonia, sem conflitos e sendo um esporte coletivo. O esporte das massas torna-se o reflexo da unidade que se buscava no Brasil durante a Era Vargas. O futebol e a política se entrelaçam nesse período e a imprensa – controlada pelo Estado – tem o papel de disseminar o “país do futebol” autêntico, singular e com identidade própria.

O JOGO – A COPA DE 1938

A Copa de 1938 foi o primeiro grande momento de entusiasmo e mobilização dos brasileiros em prol da seleção nacional. Nesse evento esportivo notamos através dos recortes do jornal O Globo que a Copa atraiu a atenção dos brasileiros em vários segmentos (sociais, políticos, intelectuais). Em 1938 teve início uma enorme mobilização dos brasileiros em épocas de Copa do Mundo de Futebol, movimento esse presente ainda nos dias atuais.

A grande mobilização da imprensa escrita e do rádio atrelada à atuação da equipe brasileira em campo prova que o esforço do governo em associar o esporte à identidade nacional havia obtido êxito. Às vésperas da estreia do Brasil na Copa, exatamente 1 mês antes do evento esportivo, a página 8 do jornal O Globo noticia a superioridade brasileira e a fascinação dos torcedores pela seleção.



Figura 1. O Globo, Rio de Janeiro, 4 de maio 1938. Primeira seção, Caderno de esporte, p. 08
Fonte: <http://acervo.oglobo.globo.com/> (acesso em 25/11/2015 às 17h30)

Além da mobilização dos brasileiros a Copa de 1938 marcou também a superação de muitos conflitos, entre eles os existentes entre Rio de Janeiro e São Paulo, que chegaram a um consenso, e com isso atletas dos clubes de ambas

as cidades (que reuniam à época os principais jogadores do País) tornaram-se “selecionáveis”. Outra divergência superada na Copa de 1938 envolvendo as respectivas cidades era sobre a pertinência ou não da profissionalização do

futebol, mas, sem dúvida, o que caracterizou esse evento esportivo foi a mudança de mentalidade que possibilitou a participação de negros no time. Conforme Nascimento (2008), dessa forma a equipe era considerada uma verdadeira seleção, pois era enfim composta por grande parte dos elementos étnicos e regionais que representavam o povo brasileiro, confirmando a superioridade do futebol brasileiro.

Durante as edições do jornal em todo o mês de maio nota-se que o jogo de estreia do time brasileiro contra a Polônia assume as páginas do jornal. A terceira página da edição matutina de 30 de maio relata com tom de aviso que os brasileiros estavam preparados para combater e, mais ainda, para ganhar o título de campeão mundial.

OS POLONEZES ABANDONARAM OS TREINOS!

Não receiam os brasileiros...

— Rumo ao local do embate do dia 5

NIEDERBRONN, 29 (U. P.) -- Notícias vindas de Strasbourg anunciam que o seleccionado da Polonia embarca amanhã em Varsovia, com destino a Strasbourg. Soube-se tambem aqui que desde o jogo com a Irlanda os polonezes não realizaram mais nenhum treino em conjunto nem pretendem realizar algum. Este facto está sendo interpretado aqui como um excesso de confiança nas suas proprias forças depois da espectacular victoria de 6x0 sobre o "scratch" da Irlanda, mas, depois da exhibição feita hoje pelos brasileiros, um tecnico de Strasbourg declarou que elles não estavam a altura de confiar tanto na propria victoria.



**A ARRANCADA
DE ALFREDO BRAGA**

Do vestino para o terreno posto
Quando Luiz Canedo, tratado a última hora, passou o volante de um lado para o outro, Alfredo Braga fez de conta estava praticando o jogo, com o intuito de não perder o ritmo, com o intuito de não perder o ritmo, com o intuito de não perder o ritmo.

**DRAGÃO
DE
SANTOS**

Lanças e

DORES nas JUNTAS

Não podeis estar bem si
os vossos rins estiverem
comprometidos



Os rins são sentinelas incumbidas pela natureza de...

Figura 2. O Globo, Rio de Janeiro, 30 de maio 1938. Edição matutina, Caderno de esporte, p. 03
Fonte: <http://acervo.oglobo.globo.com/> (acesso em 25/11/2015, às 17h40)

*“Os polonezes abandonaram os treinos! Não receiam os brasileiros...
[...] soube-se também aqui que desde o jogo com a Irlanda os polonezes não realizaram mais nenhum treino em conjunto nem pretendem realizar algum. Este facto está sendo interpretado aqui como um excesso de confiança nas suas próprias forças depois da espectacular victoria de 6x0 sobre o “scratch” da Irlanda, mas, depois da exhibição feita hoje pelos brasileiros, um tecnico de Strasbourg declarou que elles não estavam a altura de confiar tanto na própria victoria.*”

Em 6 de junho de 1938, o Jornal O Globo anuncia na sua primeira página, edição extra, em letras garrafais, negrito, com ponto de exclamação a “VICTORIA!” por 6 a 5 sobre a Polônia.

VICTORIA!

Depois de uma luta titânica o Brasil venceu a Polónia pelo score de 6x5. O GLOBO descreve, graças aos seus enviados especiais, as cenas e vultos minutos de jogo -- Linha impecável e defesa insuperável -- As primeiras declarações de Pinheiro -- Domingo com 30 goals de sobre -- Leonidas, autor de tres goals -- Rensch e grande construtor de ataques -- O juiz, as suas falhas e os seus acertos -- Jaque e penalty marcado contra as massas lequeres? -- As gravissimas substituições para a polónia com a Tchecoslovaquia -- Um goal a 35 metros -- As maiores figuras do scratch polonês -- Formidável a irradiação de jogo feita pelo Radio Czeh com combinação com O GLOBO e o «Jornal des Sports»!

EDIÇÃO EXTRA



Fonte: <http://acervo.globo.globo.com/> (acesso em 25/11/2015 às 17h40)

As redefinições acerca do nacional e os bons resultados da seleção brasileira emplacaram a campanha do Brasil na Copa excitando a torcida brasileira. O Brasil entra em campo com confiança e com o estilo de jogo que

reunia o que de mais autêntico tinha o Brasil. Na página seguinte o jornal anuncia favoritismo brasileiro: “Depois das eliminatórias de ontem, considera-se o scratch nacional como o mais sério concorrente ao título de campeão”.

NOVAMENTE EM SAINT GERMAIN — PARIS, 6 (H.) — A EQUIPE BRASILEIRA DE FOOTBALL CHEGOU DE STRASBURGO AS 11 HORAS. IMEDIATAMENTE OS JOGADORES DIRIGIRAM-SE PARA SEU QUARTEL GENERAL SITUADO EM ST. GERMAIN EN LAYE.

FAVORITOS OS BRASILEIROS NA “TACA DO MUNDO”!

EDIÇÃO DAS 11 HORAS

Depois das eliminatórias de ontem, considera-se o «scratch» nacional como o mais sério concorrente ao título de campeão

Leonidas, o homem de borracha — Duas victorias: contra os polonezes, contra a chuva... — Toda a imprensa franceza empolgada com a actuação dos nossos «cracks» — Vencedores, também, Hungria, França, Italia e Tchecoslovaquia — Alemanha x Suissa e Cuba x Rumania jogarão, quinta-feira, a partida de desempate — Não será modificado o «team» brasileiro

O GLOBO

FUNDAÇÃO DE IRINEU MARINHO
BOMMEYAT MOSES ROBERTO NAKIBO A. LEZLEY GUYER

Em terreno secco difficilmente os brasileiros serão vencidos!



Será provavelmente o mesmo o scratch contra os tchecos
PARIS, 6 (U. P.) — Os membros da equipa brasileira de «football» procedentes de Strasburgo, chegaram a Paris ás 20 horas de ontem tendo acentuado a confiança em seu futuro, apesar das condições climatéricas, que prevêem uma chuva para a noite e o jogo de quinta-feira, a partida de desempate, previsto para ás 20 h. 30 com destino a Suíça.
A equipa recebeu centenas de telegrammas felicitatórios para a victoria, inclusive um do presidente da república Vargas.
O delegado Adolpho Pinheiro, em declaração a «Luz»

Leonidas e Willimowsky as maiores figuras de campo



Figura 4. O Globo, Rio de Janeiro, 7 de jun. 1938. Edição das 11 horas, p. 03

Fonte: <http://acervo.globo.globo.com/> (acesso em 25/11/2015 às 17h50)

O pensamento nacionalista do Brasil nesse período procurava ressaltar as especificidades do brasileiro, dando ênfase à capacidade em incorporar algo “de fora” e configurá-lo para sua cultura, a ponto de esse elemento exógeno ser tido como um dos grandes

valores de sua nacionalidade, criando assim uma forma própria de lidar com esse elemento – forma essa, no caso do futebol, que os brasileiros julgavam ser superior à de seus “criadores” europeus. Nascimento (2008) comenta:

Esperava-se que nesta Copa, além do coroamento do estilo de jogo brasileiro, também ocorresse a valorização da raça brasileira, terminologia razoavelmente difusa à época, que

seria a síntese de várias culturas e diversas nacionalidades, e da democracia racial, debatida por intelectuais justamente ao longo da década de 30.

A declaração de Leônidas, após a vitória com resultados apertados sobre os poloneses, demonstra a confiança da “maravilha negra”: “Se Domingos melhorar da gripe vamos exhibir

em Bordeaux um jogo muito mais poderoso e seguro que o de Strasburg”. Com a vitória sobre os temidos poloneses a confiança da seleção brasileira se materializa.



Figura 5. O Globo, Rio de Janeiro, 15 de jun. 1938. Primeira Seção, p. 08
 Fonte: <http://acervo.oglobo.globo.com/> (acesso em 25/11/2015 às 17h30)

Após a vitória do Brasil contra os poloneses, o Jornal O Globo (15 de jun. 1938) anuncia: “O football nasceu domingo para muita gente... Quem deixou de torcer pela victoria do Brasil? – Judith de Almeida já sabe a posição dos

jogadores... – Chico Alves teme os tchecos – A loura fala da marcha sobre o “goal” e Isa Rodrigues queria que jogassem 22 jogadores”.

Na mesma edição que havia anunciado a vitória, O Globo publica a mobilização do

futebol na população, mesmo entre aqueles que não dominam as regras e ainda assim não deixaram de torcer pelo Brasil, reafirmando a conexão do futebol com a identidade nacional. Para os torcedores o futebol é mais do que um jogo com onze jogadores de cada lado, é a representação da nação em campo, sendo a materialização da identidade coletiva.

Além de ocupar as páginas de vários jornais, o futebol também se insere na

Os anos 30 são um momento decisivo na relação entre o futebol e a sociedade brasileira. Enquanto o meio político-cultural começa a redefinir as concepções acerca do “nacional”, a popularidade do futebol é impulsionada

A Copa de 1938 ganha uma dimensão em diversos cantos do País até então não vivida pelo

Diversos alto-falantes foram instalados em vários pontos das principais cidades do país, permitindo aos torcedores que pudessem torcer e acompanhar cada lance do prélio contra os poloneses. O torcedor apoiava, aplaudia como se

A seleção brasileira entrou na Copa com sua “força máxima” elevando as expectativas da conquista do título. Após a estreia da seleção os brasileiros estavam ainda mais confiantes e

programação das rádios. Dado o intenso apelo popular desse esporte, a imprensa escrita e o rádio transmitiam as partidas aos que não estavam nos estádios, possibilitando que os jogos fossem acompanhados pelo maior número de pessoas possível. A relação do brasileiro com o futebol nos anos 30 é retratada por Franzini (1997, p. 30) como:

tanto pelo desenvolvimento do rádio como meio de comunicação de massa quanto pela oficialização do profissionalismo dos jogadores, fato este que transforma o jogo em trabalho.

futebol. Descreve Machado (2001, p. 192):

estivesse em canchas francesas. Nunca até então na história das Copas a seleção estivera tão longe e ao mesmo tempo tão perto do povo.

seguiram para o embate contra os tchecos na certeza da vitória. A confiança brasileira salta nas letras da primeira página no dia 8 de junho de 1938.



Figura 6. O Globo, Rio de Janeiro, 08 de jun. 1938. Edição Extra, p. 05
 Fonte: <http://acervo.oglobo.globo.com/> (acesso em 25/11/2015 às 17h30)

A todo momento a seleção era apresentada com grandes chances de vencer o próximo jogo. A propaganda do futebol brasileiro não se restringiu apenas ao Brasil, fora

do nosso território a “superioridade” brasileira era reconhecida. O Cônsul da Tchecoslováquia reconhece as qualidades excepcionais dos

NINGUEM ACREDITA NA DERROTA DO BRASIL!

O GLOBO ouve representantes de todas as classes e profissões e todos confiam na vitória do “scratch” nacional contra o esquadrão da Tchecoslovaquia

ULTIMA EDIÇÃO 17 HORAS

Pintacuda-Brasil, 4x2; Arzani-Brasil, 4x1; Caxambú-Brasil, 3x0; Brasilino-Brasil, 2x1; Lourival Fontes-Brasil, 3x2; Herbert Moses-Brasil, 10x0; JoãoBorges-Brasil, 4x2; Lygia Cordovil, Brasil, 3x1; Delegado Martins Alonso - Sem chuva 4x2 e com chuva 6x0!



Figura 7. O Globo, Rio de Janeiro, 11 de jun. 1938. Última edição, p. 01

Fonte: <http://acervo.oglobo.globo.com/> (acesso em 25/11/2015 às 17h30)

brasileiros (O Globo, 1938). Em 10 de junho a notícia intitulada “Os brasileiros não podem perder!” traz a declaração de um dos críticos do jornal Paris Soir: “É impossível o Brasil perder. O Brasil continua franco favorito do jogo de domingo e um dos mais sérios disputantes do título de campeão mundial”. A confiança dos brasileiros na vitória era tão grande que descartavam a possibilidade de derrota ou empate contra os tchecos (O Globo, 10 de junho

de 1938). E às vésperas do “já conquistado” jogo as apostas não eram por quem ganharia, mas qual seria a pontuação do Brasil sobre o adversário.

Novamente na primeira página, em 9 de junho, o Brasil descarta a possibilidade de derrota:

Na segunda-feira O Globo (1938) noticia o empate com os tchecos num ar de protesto e indignação.



Figura 8. O Globo, Rio de Janeiro, 13 de jun. 1938. Primeira edição, p. 01
Fonte: <http://acervo.oglobo.globo.com/> (acesso em 25/11/2015 às 17h30)



Figura 9. O Globo, Rio de Janeiro, 13 de jun. 1938. Primeira edição, p. 03
Fonte: <http://acervo.oglobo.globo.com/> (acesso em 25/11/2015 às 17h30)

O jornal “Petit Parisien”, Paris, escreve: “A partida não foi um jogo de football, mas um terrível massacre. Os tchecos iniciaram e exploraram as violencias físicas, procurando

irritar o animo dos brasileiros. Se os brasileiros não se houvessem exaltado, o Brasil teria sido victorioso” (O Globo, 13 de junho, 1938).

O juiz é substituído, a partida de desempate é marcada para 14 de junho. O novo

jogo foi apitado pelo juiz francês Capdeville e o Brasil vence por 2x1 os tchecos.



Figura 10. O Globo, Rio de Janeiro, 14 de jun. 1938. Edição extra, p. 01
Fonte: <http://acervo.oglobo.globo.com/> (acesso em 25/11/2015 às 17h30)

Após o jogo de desempate os brasileiros estavam certos da vitória, a imprensa anunciava o time brasileiro como campeão do mundo e a essa altura o futebol sai da seção do “Sport” e

ocupa praticamente todas as páginas do jornal, não se fala em outra coisa a não ser na vitória – edição de 15 de junho.



Figura 11. O Globo, Rio de Janeiro, 15 de jun. 1938. Edição extra, p. 01
Fonte: <http://acervo.oglobo.globo.com/> (acesso em 25/11/2015 às 17h35)

O Brasil enfrenta então a Itália, no dia 16 de junho. Getúlio Vargas declara ao jornal O Globo: “Marchamos para a victoria!”.

Não podemos dizer, com propriedade, que o jogo a ser travado hoje em Marselha, entre as equipes do nosso paiz e o da Italia, venha empolgando os brasileiros, porque empolgados já estamos todos, sem distinção, desde o

Nesse mesmo dia, em edição extraesportiva, o jornal O Globo comunicou o resultado infeliz do jogo contra a Itália e a falta lamentável do jogador Leônidas, descrevendo a perda de cem por cento do ataque brasileiro naquele jogo sem o referido jogador.

A primeira página relata as palavras da senhora Alzira Vargas e do ministro Souza Costa:

momento em que, a 5 do corrente, os players do Quadro Azul pisaram o chão do stadium de Strasburgo para derrotar os polonezes. (O Globo, 1938)

O “campeão” azul é derrubado por um pênalti.

No dia seguinte, 17 de junho de 1938, o grito de vitória se transformou no grito por justiça. O Globo publica:



Figura 12. O Globo, Rio de Janeiro, 17 de jun. 1938. Edição 11 H, p. 01
Fonte: <http://acervo.oglobo.globo.com/> (acesso em 25/11/2015 às 17h30)

O resultado foi tomado como catástrofe, a confiança agora substituída por indignação e contínua contestação alegando erro da arbitragem na cobrança do pênalti. Getúlio Vargas anota em seu diário, em 1938: “Despacho com os ministros militares. Não houve audiências. O jogo de football monopolizou as atenções. A perda do team brasileiro para o italiano causou uma grande decepção e tristeza no espírito público, como se se tratasse de uma desgraça nacional”.

Não foi a vontade política de Vargas ou os textos de Mario Filho, Nelson Rodrigues ou Gilberto Freyre que produziram o envolvimento do brasileiro com o futebol. O que esses estrategistas fizeram foi ancorar seus projetos políticos de nação à emoção de torcer. Eles amarraram com maestria um projeto político às manifestações culturais, que se organizavam de forma tensa e fluida no tecido social brasileiro. A eficácia desses intérpretes da

Todos ansiavam pela anulação do jogo, mas o Brasil teria que se contentar com a disputa do terceiro lugar com a Suécia, no qual o resultado foi 4 a 2 para o Brasil. Esses recortes do jornal O Globo demonstram a construção discursiva promovida pelos políticos, intelectuais e a imprensa sobre identidade nacional, bem como sobre “país do futebol”. Tal como afirma Ribeiro (2012, p. 35):

nação foi a de estabelecer função social e sentido ao que era indeterminação, manifestação espontânea, identidade local e particular. Ou seja, reduziram a experiência polissêmica dos indivíduos – a paixão pelo futebol – a uma essência. Por esse raciocínio, conceitos como “construção”, “formação” ou “sistema” são posteriores e externos às práticas cotidianas dos indivíduos, como, por exemplo, a de torcer por um clube de futebol.

A história do futebol no Brasil eleva esse esporte ao símbolo da nacionalidade, da brasilidade e da identidade nacional brasileira. A “paixão” pelo esporte e o “país do futebol” são

ideias construídas por vários agentes sociais e ao longo da história esse esporte se torna parte da essência brasileira sendo uma importante ferramenta política.

CONCLUSÃO

Esta análise esforçou-se em discorrer sobre a relação entre política, futebol e identidade nacional brasileira, usando como principal fonte as edições do jornal O Globo, de 1938, para compreender a cooperação da imprensa nesse processo de construção da nação através do futebol. É preciso considerar que o rádio também teve um importante papel nesse processo.

Compreendemos neste estudo que a identidade nacional está relacionada a uma forma discursiva produzida em determinado contexto histórico (Giacon, 2011). Na Era Vargas, notamos um importante processo de construção dessa identidade, tendo em vista que entre seus ideais Getúlio buscava construir uma unidade nacional, gerando uma nova imagem do Brasil. A valorização do popular durante o governo Vargas empenhava-se em criar o sentimento de unidade nacional. A comunidade imaginária, apresentada na tese de Eric Hobsbawm, se faz real na forma de um time de onze jogadores, tornando-se símbolo da sua nação.

A Copa de 1938 foi um momento de materialização do sentimento de nacionalidade, o que havia de mais autêntico nos brasileiros acabara de entrar em campo. Reflexos do governo nacionalista, da miscigenação, da identidade nacional, do poder da imprensa e do rádio, esse evento esportivo foi além dos estádios. O “jeito brasileiro” de se jogar demonstrava a superioridade e o distanciamento do Brasil com relação aos padrões europeus. Nos anos seguintes surgiram grandes nomes no futebol brasileiro como, por exemplo, Pelé e Garrincha, entre outros, que demonstraram carregar o que se deseja em um futebolista, a mistura de futebol e arte. Contudo, a mundialização desse esporte transformou o futebol-arte em futebol-força. Ainda é necessário estudar a influência dessa transformação técnica no futebol autenticamente brasileiro. O futebol é parte da sociedade e um objeto de análise histórica. Nos jogos, aspectos sociais, psicológicos e físicos entram em campo encenando as configurações da sociedade e construindo a história.

REFERÊNCIAS

Afif, A. & Brunoro, J. C. (1997). *Futebol 100% profissional*. São Paulo: Editora Gente.

Antunes, F. M. R. F. (2004). *Com brasileiro não há quem possa! – Futebol e*

identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Editora Unesp.

Caldas, W. (1989). *Pontapé inicial: memória do futebol brasileiro*. São Paulo: Ibrasa.

Caldas, W. (1994). Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. *Revista USP*, São Paulo, n. 22, pp. 41-49, jun.-ago.

Drumond, M. V. (2009). Perón e o esporte: propaganda política e a imagem da nação. *Revista de Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, vol. 22, n. 44, p. 398-421, jul.-dez.

Franzini, F. (1997). Futebol, identidade e cidadania no Brasil dos anos 30. In: Caderno de Resumos, XIX Simpósio da ANPUH, Belo Horizonte.

Freyre, G. (1933). *Ingleses no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.

Giacon, E. M. (2011). *Discussões sobre o conceito de identidade*. Assis: Ave Palavra, pp. 1-20.

Ianni, F. (2008) *O profissionalismo do futebol brasileiro: uma abordagem histórica*. Universidade do Futebol. Recuperado de: <http://universidadedofutebol.com.br/o->

[profissionalismo-do-futebol-brasileiro-uma-abordagem-historica/](#)

Machado, F. M. (2001). *Bola na rede e o povo nas ruas! Estado Novo, imprensa esportiva e torcedores na Copa do Mundo de 1938*. São Paulo: PUC.

Madeira, A. & Veloso, M. (1999). *Leituras brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura*. São Paulo: Paz e Terra.

Nascimento, P. H. do. (2008). A Copa do Mundo de 1938: nacionalismo e a identidade nacional brasileira em campo. *Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo* (30).

Ribeiro, L. C. (2012). Futebol: por uma história política da paixão nacional. *História: Questões & Debates* (57), 15-43.

Thiesse, A.-M. (1999). *La création des identités nationales. Europe XVIIIe-XXesiècle*. Paris: Editions du Seuil.

Velloso, M. P. (2013). Os intelectuais e a política cultural no Estado Novo. In: *O Brasil Republicano 2* (pp. 146-179). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.